

O GENERAL ITALIANO FABIO MINI, EX-COMANDANTE DAS FORÇAS DA OTAN NO KOSOVO, DIZ QUE A AL QAEDA ESTÁ PERDIDA E QUE O ESTADO DE PARANOIA CAUSADO PELOS ATOS TERRORISTAS BENEFICIA PRINCIPALMENTE GOVERNOS E OPORTUNISTAS

"O TERRORISMO ESTÁ EM QUEDA"

LEANDRO DEMORI CRIS VECTOR

No dia 25 de dezembro de 2009, o nigeriano Umar Farouk Abdulmutallab, de 23 anos, tentou explodir um avião com 278 pessoas no momento do pouso em Detroit, nos Estados Unidos. Falhou ao tentar misturar elementos explosivos, foi dominado por passageiros e acabou preso. Ninguém se feriu. Mas foi o suficiente para que fossem tomadas novas medidas extremas de segurança nos aeroportos. O terrorismo, mais uma vez, é o monstro desperto. Para o general italiano Fabio Mini, 67 anos, comandante das forças de paz da Otan no Kosovo entre 2002 e 2003, condecorado pela Itália, EUA e China, atos como o praticado por Abdulmutallab não representam a vitória do terrorismo. Pelo contrário. Autor de livros e artigos sobre o assunto para o jornal italiano *L'Espresso*, Mini questiona a presumida força dos atentados e vai além: o terrorismo está em queda, a Al Qaeda perambula sem um comando central e se aproveita de pequenos atos para manter o estado de medo e paranoia generalizados.

* O senhor defende que o terrorismo está em decadência. Por quê?

Fabio Mini: O terrorismo está em queda e isso se vê nas estatísticas. Olhando os locais onde ocorrem os ditos "atos de terrorismo", se nota que são frequentes nos estados islâmicos, em situações de guerras de ocupação, revolução ou separação. Se cortarmos do número total todos esses atos de guerra, os atos de terrorismo são mínimos. Aliás, diminuíram em relação aos ataques que vinham sendo praticados antes da "Guerra ao Terror".

* Qual a razão disso?

Mini: O sucesso do combate às estruturas da Al Qaeda. Nos últimos anos, a estrutura do grupo foi fortemente redimensionada. Foram assassinados vários líderes e agora não existe mais um comando centralizado capaz de dar ordens em todo o mundo.

* O senhor criou o termo "manutenção do terror" para explicar o momento atual do

terrorismo. O que significa?

Mini: Pretendo dizer que não há mais necessidade de grandes ataques ou de centenas de vítimas para manter o estado de tensão. Basta um pequeno episódio, uma ameaça ou uma campanha publicitária para sustentar essa "manutenção do terror". Assim, quem quer manter o clima de medo precisa cometer somente pequenos atos para dar um alarme injustificado. Hoje, infelizmente, não tiram vantagem desse sistema somente os terroristas, mas também muitos governos e outros aproveitadores.

* Atos de terrorismo são capazes de conter fluxos migratórios, como diminuir o número de muçulmanos que se mudam para a Europa?

Mini: Não deveria haver qualquer alarme por conta da imigração. Entre os imigrantes existem as pessoas de bem e os delinquentes, como de costume. O medo nos fez perder a capacidade de distinguir isso. Classificamos todos como potenciais terroristas. Parece que todos os estrangeiros querem praticar

atentados contra o nosso sistema de vida, quando a verdade é outra: quem vem para a Europa ou vai aos EUA o faz porque é atraído justamente por um sistema mais vantajoso.

* Os novos controles estabelecidos nos aeroportos trazem algum nível de segurança real ou terá mais efeito psicológico do que prático?

Mini: O controle traria segurança se fosse feito com inteligência e discrição, e não como uma penalização. A manutenção do medo de terrorismo acontece também porque se obriga um passageiro a renunciar de viajar com sua garrafinha de água porque ela pode representar algum tipo de ameaça.

* O senhor foi comandante das tropas das Otan no Kosovo, onde houve muitos erros por parte das assim ditas "forças de paz". Otan e ONU têm ainda um papel fundamental nas guerras?

Mini: A ONU tem um grande papel político, mas infelizmente não encontrou uma posição satisfatória de prevenção e resolução de conflitos, e se revelou um desastre em casos de gestão direta de crises. Não é só a falência das intervenções militares, mas o próprio sistema burocrático que a impede de estabilizar áreas de crise. A ONU tende a aplicar em todas as situações sempre o mesmo modelo, sem considerar as profundas diferenças históricas, políticas, sociais e de cultura jurídica entre um lugar e outro.

